

INSTITUTO		<b>Documentação</b>
SOCIOAMBIENTAL	Fonte: <i>Agência Estado</i>	
	Data: <i>31/11/99</i>	Pg. _____
	Class.: <i>MAPR0049</i>	

# o mundo virtual

03/nov/1999

entre aspas

## A conservação da Mata Atlântica

A Mata Atlântica, um dos cinco grandes biomas brasileiros, é constituída por uma série de ecossistemas bastante diversos. Infelizmente, este bioma tem pago o preço do desenvolvimento da região onde se encontra e a floresta que um dia cobriu todo o leste do Brasil, está hoje reduzida a 7,3% de sua cobertura original. Esse percentual por sua vez, não está todo concentrado em um só bloco florestal. Muito ao contrário, encontra-se distribuído em fragmentos sem nenhum padrão definido pela região de sua distribuição original.

Apesar de toda essa devastação, a Mata Atlântica ainda é um dos centros de megadiversidade de nosso planeta com altíssimo nível de endemismo, ou seja, tem um grande número de espécies que só são encontradas naquele local e que, portanto, se desaparecerem, terá sido para sempre. A Mata Atlântica garante o abastecimento e a qualidade da água consumida por mais de 100 milhões de brasileiros. Finalmente, salienta-se sua extraordinária riqueza cultural, já que abriga populações tradicionais de caiçaras, quilombolas e diversos grupos indígenas.

Há cerca de um ano, a Rede de ONGs da Mata Atlântica, preocupada com a situação precária em que se encontra a Mata Atlântica, lançou campanha nacional por um desmatamento zero na região, a ser implantado já no ano 2000. Trata-se de um grito de alerta emergencial para que uma floresta com tanta biodiversidade não desapareça pela ação humana.

Todavia, se analisarmos a importante campanha da Rede de ONGs à luz dos modernos conhecimentos da biologia da conservação, podemos adicionar que para salvar a Mata Atlântica é preciso muito mais do que simplesmente parar de desmatar. Primeiro, temos que entender que uma floresta não é somente um conjunto de árvores, mas sim um conjunto de interações entre árvores e entre os meios biótico e abiótico onde se encontram. Se retirarmos os animais da floresta por exemplo, não haverá nem polinização, nem dispersão de muitas sementes. Isso naturalmente levará a floresta a desaparecer ou a se tornar homogeneizada, perdendo grande parte de sua diversidade.

Além disso, fragmentos florestais sofrem naturalmente um efeito de borda, causado pelo excesso de luz solar e a ação do vento na sua faixa externa. O resultado é que esta faixa torna-se uma zona empobrecida ecologicamente e conseqüentemente mais vulnerável ao fogo.

INSTITUTO	
	
<b>Documentação</b>	
SOCIOAMBIENTAL	
Fonte	<u>Agência Estado</u>
Data	<u>3/11/99</u> Pg. _____
Class.	<u>49</u>

fragmentos florestais tendem a aumentar o cruzamento entre parentes e, com isso, ocorrem efeitos genéticos negativos, que afetam a produtividade e a própria sobrevivência de muitas espécies. Quando um fragmento é pequeno e ilhado, independentemente de sua riqueza biológica, se não for manejado para sua conservação, tende a desaparecer mesmo que o desmatamento tenha cessado.

E que manejo é esse, que precisa ser implantado com urgência para que a Mata Atlântica sobreviva? Em primeiro lugar, a conectividade dos fragmentos é essencial. Corredores florestais entre um fragmento e outro devem ser implantados. As matas ciliares, aquelas que margeiam rios e riachos, podem suprir esta necessidade de forma bem eficaz. São importantes soluções, também, para a transposição de barreiras como estradas de rodagem, estradas de ferro e linhas de transmissão. Essas obras precisam passar a levar em consideração a conservação da natureza, incluindo por exemplo, corredores de matas, passagens subterrâneas para a fauna e cercas de proteção (preferencialmente cercas vivas).

Já os efeitos de borda podem ser trabalhados com o plantio de uma faixa de floresta, que pode ou não ser consorciada com atividades agrícolas, mas que obrigatoriamente produzam benefícios econômicos a quem a plantou. Essa abordagem beneficia a todos e pode ser uma forma concreta de estimular as pessoas a plantar florestas. Finalmente, onde os corredores não forem de todo possíveis, deve-se plantar uma série de pequenos bosques (principalmente de frutíferas) entre os fragmentos de floresta nativa, para possibilitar a passagem de polinizadores, dispersores e outros animais, reduzindo o efeito de isolamento dos fragmentos.

Para concluir, é preciso reafirmar que as leis de proteção são insuficientes, assim como as campanhas para evitar o desmatamento. Todas as iniciativas são importantes, mas os conceitos acima precisam ser incorporados às práticas de manejo dos proprietários rurais e nas políticas públicas relacionadas à questão, para que possamos assegurar uma conservação a longo prazo. Para salvar os fragmentos é preciso agir na paisagem e não mais na propriedade. Só então poderemos ter um desmatamento zero sem a perda gradativa da qualidade florestal e da biodiversidade existente.



**Cláudio Valladares Pádua** é professor da Universidade de Brasília, UnB, diretor científico do Instituto de Pesquisas Ecológicas, IPÊ, e do Wildlife Preservation Trust International.

